

Francisco Gleilton Clemente da Silva; Maria Alda de Sousa; Joana Elisa Röwer

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 14: O ensino da sociologia e as políticas educacionais

Entre interlocuções e experiências juvenis: narrativas interioranas sobre o período de pandemia no ensino médio na cidade de Guaiúba-CE.

Guaiúba, Ceará

2023



ENTRE INTERLOCUÇÕES E EXPERIÊNCIAS JUVENIS: NARRATIVAS INTERIORANAS SOBRE O PERÍODO DE PANDEMIA NO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE GUAÍÚBA-CE

Francisco Gleilton Clemente da Silva¹

Maria Alda de Sousa²

Joana Elisa Röwer³

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre o processo de pandemia da Covid-19 e como as suas consequências afetaram a vida pessoal e estudantil de jovens interioranos da escola pública de ensino médio José Tristão Filho em Guaiúba- CE. Assim, objetiva-se além do mais, analisar e articular sobre os impactos condicionados aos sujeitos que vivenciaram este intenso período, pontuando sobre os desafios e desdobramentos enfrentados por eles no processo de educação e socialização viabilizados, em grande parte, pelo espaço físico da escola. A metodologia utilizada consiste em um estudo explicativo, os procedimentos técnicos contam com pesquisa de campo de cunho qualitativo, possibilitando, a partir de observações no espaço campo e de uma entrevista semi- estruturada, o uso de narrativas na construção desta pesquisa, há ainda análise bibliográfica, principalmente com as ideias de Dayrell (2007) e Pais (1990). A partir deste estudo foi constatado a condição de disparidade na realidade destes alunos com relação ao ensino e acesso aos mecanismos e ferramentas tecnológicas, bem como a internet de qualidade e a espaços adequados para o estudo. É percebido ainda a delicada condição emocional dos jovens que viveram o isolamento social, tendo as suas experiências juvenis interrompidas, ilustrando o quão desafiador é o processo de reparação das consequências educacionais e pessoais vividas, creditando a educação como incisiva para auxiliar neste período.

Palavras-chave: Jovens. Educação. Pandemia. Escola. Experiências.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, parte do tema *Entre interlocuções e experiências juvenis: narrativas interioranas sobre o período de pandemia no ensino médio na cidade de Guaiúba-CE*⁴. e busca refletir sobre o processo de pandemia da Covid-19 e como as suas consequências afetaram a vida pessoal e estudantil de jovens interioranos da escola pública de ensino médio José Tristão Filho em Guaiúba- CE. Assim, objetiva-se analisar sobre os impactos condicionados aos sujeitos que vivenciaram este intenso período, pontuando sobre os desafios

1 Graduado em Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB-CE). E-mail: <gleiltonclemente14@gmail.com>

2 Doutora em Sociologia pela UFC. professora do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. E-mail: aldasousa@unilab.edu.br

3 Doutora em Educação pela UFSM. Professora do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. E-mail: joanarower@unilab.edu.br

4 Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE).

e desdobramentos enfrentados por eles no processo de educação e socialização viabilizados, em grande parte, pelo espaço físico da escola. A metodologia utilizada consiste em um estudo explicativo com pesquisa de campo de cunho qualitativo e de uma entrevista semi-estruturada. A partir deste estudo foi constatado a condição de disparidade na realidade destes alunos com relação ao ensino e acesso as ferramentas tecnológicas. É percebido ainda a delicada condição emocional dos jovens que viveram o isolamento social, tendo as suas experiências juvenis interrompidas, ilustrando o quão desafiador foi esse processo, creditando a educação como incisiva para auxiliar neste período.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo foi desenvolvido por meio do método qualitativo, em especial partindo da análise de narrativas de jovens estudantes da rede pública (Escola José Tristão Filho) do município de Guaiúba- CE, onde suas falas e reflexões foram potencializadas para direcionar e ganhar destaque nesta pesquisa. Quanto as potencialidades da fala, possibilitadas por meio do espaço de partilha e diálogo, Ferreira; Raimundo (2017) evidenciam que “as << conversas >> induzidas pelo pesquisador com os sujeitos de estudo têm sido dispositivos metodológicos privilegiados na pesquisa qualitativa em ciências sociais” (FERREIRA; RAIMUNDO, 2017, p.57), gerando para o estudo uma conexão com as múltiplas realidades e percepções dos sujeitos por meio da oratória.

Assim, este trabalho se caracteriza ainda como uma pesquisa explicativa, buscando, como abordado por Prodanov e Freitas (2013), explicar por intermédio de análises e interpretações acerca das narrativas colhidas dos jovens no espaço escolar, os fenômenos que ocorre/m/ram em suas vidas e as possíveis causas destes fatos. Desse modo, para ter acesso e obter os discursos dos interlocutores, ocorreu a organização de um grupo focal, guiado por um roteiro de entrevista que continham em torno de dezesseis perguntas semi-estruturadas que objetivavam conhecer a trajetória e os desafios enfrentados por estes jovens com relação a escola, educação e a condição de distanciamento social, abordando ainda sobre as suas perspectivas de futuro.

Com relação as ferramentas utilizadas no processo, contou-se com o recurso de gravador de voz de um celular smartphone e o uso de um termo de consentimento livre esclarecido assinados pelos jovens e responsáveis (no caso dos estudantes menores de idade) para assegurar a participação voluntária no processo de entrevista.





DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

As principais discussões teóricas que guiaram esta pesquisa foram sobre como o período de pandemia afetou a vida de jovens estudantes do ensino médio. Desse modo, com a realização deste estudo, foi proposto percorrer um itinerário bibliográfico em diálogo a relatos reais da vida cotidiana a fim de evidenciar os desafios e desdobramentos que compuseram este processo vivenciado por estes alunos nos anos de 2020 e 2021.

Assim, contou-se com um itinerário narrativo, por meio do diálogo com os próprios jovens da escola, o desenvolvimento deste trabalho apoiou-se na realização de uma entrevista. Para fundamentar e dialogar com as experiências e processos descritos pelos interlocutores, somou-se como suporte as contribuições de Pais (1990) e (2016), Alves (2017), Dayrell (2007), Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021). entre outros autores que fomentam contributos sobre juventudes e pandemia.

O início da ruptura, o processo de (de)socialização

Conversando com alguns jovens estudantes do terceiro ano da escola pública de ensino médio José Tristão Filho, é expressado o sentimento vivenciado num momento que marcou o primeiro contato com a pandemia. “Foi um choque grande! Porque... você teve que mudar o seu dia a dia, o seu modo de viver, eu ia dar a benção minha vó e meu vô, eu parei de visitar eles e... com essa pandemia eu perdi três pessoas da minha família, minha vó, meu tio e minha tia...”- (Dalva, estudante do ensino médio). Percebe-se a partir deste fragmento descrito por ela, que a forma como as relações pessoais eram tidas, sustentada pelo convívio familiar também foram afetadas, no caso de Dalva, algumas práticas culturais religiosas como o gesto de pedir benção a seus familiares tornou-se uma ação inviável, em decorrência do afastamento físico necessário neste contexto.

Por conseguinte, é possível cogitar que os sujeitos, em especial os jovens estudantes que adentraram no ensino médio a partir do ano de 2020, tenham partilhado de um significativo momento de suas vidas, marcado pelo bloqueio de vivências, que não os atingiram exclusivamente, mas sim interferiram ao mesmo tempo em suas realidades sociais e na vida de outros jovens pelo mundo neste dado período.



Tipo agora a gente vai chegar no ensino médio, vai chegar aonde a gente sempre quis estar, aquele pensamento de ah, vamos conhecer pessoas novas, vamos ter um círculo de amizade maior, vai ter conteúdo diferente, e do nada tudo para, então foi meio que impactante esse começo, foi muito difícil, é, porque você vem, querendo ou não você vem com um planejamento meio que pronto de como você vai prosseguir, aquela questão, não, vou focar mais, vou decidir o que eu quero da minha vida e tal e do nada tudo se fecha, você perde esse contato social, que pra mim, sempre foi muito importante, eu sempre gostei muito de, de tá com as pessoas, de conversar com as pessoas, de, de tá ali naquele momento da aula, mas tipo assim, chegar na pessoa dizer, ah como é que você tá? Tá tudo bem? Como é que tá na sua casa, como é que tá a sua família... Eu sempre fui essa pessoa de ter esse contato com essas pessoas, além do estudo e perder tudo isso de maneira súbita assim, pra mim foi impactante demais (William, estudante do ensino médio)

Trazendo o ingresso no ensino médio enquanto um significativo momento da vida, muitos jovens enxergam essa transição do ensino fundamental para o ensino médio como o princípio de uma fase da vida juvenil marcado por possibilidades e novidades de um futuro que virou presente, conforme apresentado na fala de William, que se encontrava com um planejamento de vida preparado para o ano que se iniciara, sustentado pelo entusiasmo de viver novas experiências educativas e nas suas relações interpessoais e afetivas, entretanto, suas expectativas acompanharam-se do sentimento de frustração pelas interrupções ocorridas. Tal colocação nos aguça a pensar que as relações criadas e amadurecidas entre os jovens, a partir de suas interações uns com os outros, possuem bastante influência da realidade social em que eles estão inseridos, os espaços que mediam e permitem essas experiências contribuem para a condição de juventude que cada indivíduo possui. Nesse sentido, as vivências e trocas tidas nesses espaços (que não sejam necessariamente os familiares e os institucionais) são incisivas para os desdobramentos de suas vidas no presente e futuro. Quanto a isso, Dayrell (2007) nos diz que algumas dimensões da juventude, influenciadas pelo espaço,

[...] passa a ter sentidos próprios, transformando-se em lugar, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. (DAYRELL, 2007, p,1112).

Com o surto do vírus da covid-19 e as medidas restritivas de segurança, algumas expansões nas relações sociais entre os jovens sofreram alterações e implicações. As possibilidades e anseios, antes presentes no imaginário juvenil, ficaram ausentes na realidade em que se enfrentara, o universo que se consolidava era o do distanciamento, logo, as chances de construção juvenil e exploração mundo a fora não pareciam mais possíveis.

Você não sabia quando você ia sair da pandemia e retornar ali praquela convivência social que você tava acostumado. Eu sempre fui uma pessoa muito social, sociável, eu já jogava com todo mundo aí veio a pandemia e esses diálogos foram sempre



pelo celular sempre, sempre, sempre e tinha momentos que você enjoava daquilo, até das aulas que eram cansativas. (Daniel, estudante do ensino médio)

Nesse sentido, assistimos a ruptura de partilhas e aprendizados significativos para a construção juvenil. Em algumas situações as redes de entrosamento vivenciadas, agora pelo universo virtual, não supriam a experiência do real como descrito na fala de Daniel, que por creditar a uma de suas características jovial a sociabilidade com outros espaços e sujeitos sofreu com esse processo de adaptação da distanciação, restringindo-se ao cansaço por sustentar os diálogos e até mesmo os seus estudos, através de uma tela limitada, reduzida da realidade.

Em contraposição a este fato, não podemos deixar de mencionar que outros jovens partilham de relações sociais mediadas pela tecnologia e o mundo virtual, as chamadas relações online. Conforme Fialho; Sousa (2019), fica evidente a intercessão da tecnologia, em especial das redes de comunicação, nas relações e formação dos jovens na atualidade, estando elas de alguma forma ligada aos seus comportamentos, formas de linguagem e pensamento, dando novos sentidos e significados as situações e experiências vivenciadas por eles.

Começou a pandemia e a gente ficou dois anos em casa e aí foi meio difícil porque, porque eu tava decidido em quê, chegar na escola, esse ano ensino médio novo, eu ia começar a focar muito nos estudos, só que aconteceu isso e a gente ficou praticamente um ano em casa, no começo, demorou muito pra gente começar a ter aula online e quando a gente começou a ter aula online, mesmo assim não é a mesma coisa de presencial, de você tá ali na frente do professor, tá com seus colegas, conversar com seus colegas, conversar sobre atividade, procurar saber mais, de tirar suas dúvidas pro professor pessoalmente, é diferente de você tá em casa entendeu? Então isso estudar em casa foi meio difícil – (Alexia, estudante do ensino médio)

Fazendo menção as dificuldades tidas, principalmente no que diz respeito a condição educativa sustentada pelo sistema remoto de ensino, vemos o desafio, entre tantos outros, da ausência física do espaço institucional, não somente pela construção concreta em si, mas pelos sujeitos que ali transitam e constituem as vivências, marcadas pela figura de um professor e dos colegas de turma, como expressado na fala de Alexia. Sobre a relação entre professor e aluno, Corti (2014) pontua que “A relação professor-aluno passa a ser racionalizada e mediada pelos conteúdos escolares. As bases da relação precisam ser construídas, exigem um investimento do professor na construção do seu espaço de importância na formação desses jovens.” (CORTI, 2014, p.315).

Quanto as conexões estabelecidas entre os próprios estudantes, podemos reforçar ainda a importância dessas relações sociais, criadas e amadurecidas, para o desenvolvimento dos jovens que constituem este lugar. Corti (2014) apresenta que “Os jovens que chegam às salas

de aula trazem uma história construída, relacionada à convivência familiar e cultural ao longo da infância, às experiências escolares anteriores [...]” (CORTI, 2014, p316). Assim, eles traçam relações de compartilhamento e identificação a partir de suas vivências e seus interesses, não resumindo suas interações somente aos assuntos escolares, consolidando vínculos que possam se estender aos coleguismos.

Assim, as relações de comunicação, identidade, afeto e entre outras relações construtivas, ganharam uma nova roupagem, a interação por meio do mundo virtual. Essa forma (já existente) de se manter conectado a outras pessoas, mesmo com suas limitações, foi altamente utilizada para sustentar as relações de proximidades e diálogos que durante os anos de 2020 e 2021 foram quebradas, podendo até ser visto esse contato em grandes proporções com o virtual, em paralelo a ideia de Pais (2001), como uma fuga do mundo real, no caso, de um contexto comprometido pelos perigos de um vírus e suas drásticas consequências. Contudo, o que não pode ser ignorado é o fato de que para muitos jovens, essa imersão no mundo tecnológico para suprir as carências das vivências presenciais, era algo extremamente complexo.

A baixa condição econômica para muitos adolescentes da rede pública se intensificou no contexto de pandemia, fazendo com que tais acessos a esses meios de interação e contato com a escola fossem limitados ou até inexistentes. Em alguns casos, decorrentes de problemas de conexão com internet, por não disporem de equipamentos tecnológicos ou de uso limitados.

Teve um período de, no meio da pandemia que eu me colocava no risco de vim a escola pra pegar atividade porque eu não tinha celular, eu tinha celular, o meu celular queimou, aí eu meio que descobri que tinha essa maneira de vir pegar as atividades na escola. Aí eu vinha toda... Toda sexta-feira, é, eu pegava as atividades da semana eu fazia por... Tipo às vezes eu pesquisava, sobre o conteúdo pra poder fazer porque eu não tinha base porque eu não vi as aulas. Foi um momento que eu fiquei 3 meses assim eu acho que foi três meses que eu não aprendi nada porque... Você não consegue aprender por si só sem ter uma base, um professor, conteúdo certo para estudar, sem ter internet pra poder pesquisar (Daniel, estudante do ensino médio)

As articulações realizadas para a superação das contrariedades do ensino remoto se fizeram muitas vezes presentes na educação nesse período, muitos jovens presenciaram situações em que as adversidades os separavam do ensino, mas por vias múltiplas se reinventavam na procura por mecanismos que amenizassem as problemáticas encaradas, como no caso de Daniel, que mesmo sem um recurso tecnológico que o desse acesso ao ensino procurou outros artifícios para acompanhar as aulas, se pondo, como ele próprio diz, em risco, ao se deslocar até o espaço físico da escola para receber as atividades. É pontuado

ainda por ele, a complexidade de estudar sem a presença de um professor ou internet, servindo de base para suas aulas. Em contraposição, faz-se imprescindível destacar que haviam jovens, que, em circunstâncias distintas não partilharam de tantos contratempos, como no caso de Marcos:

Bem no começo da pandemia tava com certa apatia sobre como seria essas mudanças, porque eu tinha que ter certeza que eu tinha que saber me adaptar, porém eu tinha uma facilidade, eu tinha computador, tinha celular, tinha fácil acesso à internet, eu já era um aluno exemplar de certa forma e consegui acompanhar os conteúdos de forma... fácil para poder é, me adaptar ao estilo novo que seria Ead e nesse período não vou negar que é verdade que em certos momentos dava preguiça, tinha distrações para complicar de prestar atenção, mas mesmo com isso dava pra resolver, pra se achar e encontrar um momento pra você ver o quê que você tirou de proveito daquela... aquele conteúdo que tava sendo passado. (Marcos, estudante do ensino médio)

Vemos que em condições mais favoráveis ao ensino remoto, Marcos gozava de uma estrutura que facilitava a sua educação, denominando-se como um aluno exemplar, não sofria com problemas ao acesso em si, mas sim com distrações cotidianas do ambiente familiar, outro grande fator que serviu de empecilho nesse período, assim, vemos a partir das narrativas descritas situações de disparidades nas possibilidades de ensino, uma em que um jovem, sem acesso a aparatos tecnológicos, enfrentou privações quanto ao acesso as aulas e explicações de conteúdos escolares, e outra em que um jovem era mais instruído tecnicamente quanto a recursos que facilitassem a sua aprendizagem, retratando assim a forte desigualdade social de acesso à educação entre as populações juvenis. Assim como ilustrado por Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021).

Que percebemos com bastante clareza, a partir dessa discussão no que se refere ao uso de tecnologias no período da pandemia, é o fato de que esta pandemia tem evidenciado a desigualdade que marca nossa sociedade, pois, enquanto alguns estudantes têm acesso à tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem em casa o apoio dos pais/responsáveis, tantas outras ficam à margem deste processo, seja pela falta de equipamento tecnológico adequado em casa [...] (SILVA; SANTOS; DINIZ E BATISTA, 2021, p.9-10).

Tal condição abre espaço para uma interpretação de interdependência existente entre os jovens, seus familiares e recursos tecnológicos, o que condicionava em grande parte no seguimento dos seus estudos escolares, afetando a sua permanência na escola e nas objeções ao acompanharem o modelo de ensino. Com a incorporação do estudo a distância o que deveria aproximar os jovens estudantes do ensino muitas vezes agia como um oponente na eficácia da educação para o processo de ensino-aprendizagem, impossibilitando a sustentação das redes educativas. As distrações cotidianas, provocadas na maioria dos casos pela falta de estruturação de casa, em espaços inadequados para o ensino serviam como um agente gerador da dispersão dos alunos e de seu foco.

E em questão da Ead foi difícil pra mim exatamente por causa do foco e também porque eu sou uma pessoa muito, digamos assim... Eu me distraio com muita facilidade eu tô aqui estudando, tranquila ,e aí do nada, absolutamente do nada eu penso em coisa que eu tinha assistido ou feito antes eu tinha que fazer tarará, a ansiedade atacando e também problema, eu tenho muito problema em prestar atenção até aqui na escola, imagina em casa?! (Alexia, estudante do ensino médio)

Como expressado no depoimento de Alexia, ficar concentrado nas aulas virtuais se tornou uma ação difícil, seus pensamentos aleatórios do cotidiano a desconcentrava e dificultava na absorção dos conteúdos ensinados, juntando-se as suas questões de ansiedade o foco na aprendizagem muitas vezes se esvaecia em decorrência da complexidade da autonomia estudantil em se responsabilizar por seus momentos de estudo. Os desafios eram diversos.

La onde eu moro a internet é meio ruim, porque fica muito distante daqui, aí as vezes faltava internet no meio da aula, aí eu tinha que ir pra casa da minha tia correndo e fica tipo, 200m lá de casa, tinha que correr, pra poder chegar lá. Uma corrida pela educação. (Geovana, estudante do ensino médio).

A partir do relato de Geovana vemos a agitação no decorrer dos encontros virtuais causada pela instabilidade de recursos tecnológicos, descrito por ela como uma corrida pela educação, assim como ela, tantos outros adolescentes lidavam com questões similares, ficando inclusive, por um longo período sem poder acompanhar as matérias escolares e demais atividades, permanecendo inativos em maior parte do processo educacional. No caso de Geovana, que recorria a casa de sua tia, situada cerca de 200m de sua residência, ela se deslocava até lá para continuar participando de suas aulas, um esforço a mais que não era permitido a todos igualmente, sobretudo para aqueles jovens que possuíam residência mais afastada das demais, ou reclusas em zonas rurais.

Vemos então que a educação deveria partir de uma condição beneficiada a todos, o que na prática não ocorre em sua completude. Apesar de ser considerada como uma das prioridades estatais ela não contemplava o suficiente para controlar e equilibrar a situação de desigualdade, o frágil acesso não somente ao ensino, mas as modernas tecnologias, a boas condições de saúde e segurança condicionou para a crítica situação de disparidade e exclusão que temos hoje, para Dias e Pinto (2020) “Quando as escolas reabrirem, [...] a emergente recessão econômica, certamente, aumentará as desigualdades e poderá reverter o progresso obtido por alguns países na expansão do acesso educacional e na melhoria da aprendizagem.” (DIAS; PINTO, 2020, p.545).



Diálogos e perspectivas de futuro... *Eu gosto de pensar em mim como alguém que vai dar um bom exemplo e que vá poder ajudar as pessoas.*

A priori, pensar no futuro não nos parece uma iniciativa tão elementar à medida em que envolve as nossas perspectivas de uma vida desconhecida em relação ao nosso presente e, que reflete sobre o lugar ocupado por nós no mundo juntamente as condições das quais vivemos. Em um primeiro instante a ideia de futuro, por si só, pode parecer uma concepção ampla em nossos universos fictícios. Há de nos depararmos como destaca Pais (2001) com “horizontes de futuro” de uma vida cheia de possibilidades, mas também de incertezas, do que se pode ou não, se busca ou não alcançar, pautados muitas vezes no contexto social em que estamos inseridos. Tais horizontes nos fazem percorrer (em idealizações) os mais diversos caminhos, sem nos mexermos fisicamente, de maneiras singulares e diversificadas, nas veredas do imprevisível, em meio a dualidade entre o escuro e o iluminado, indo além do que esperamos, sobre uma dose ilusória que nos provoca a buscar aquilo que acreditamos merecer.

Para muitos jovens, a ação de pensar no que se espera do amanhã é uma realidade um pouco distante do habitual, existem sonhos que os são tirados e não permitidos de se fazerem presentes em seus imaginários, pensar sobre o que fazer após a formatura do ensino médio ou se ao menos esperam concluir o que se chamava de segundo grau, se pretendem cursar alguma faculdade ou com o que se pretende trabalhar, entre outras perspectivas e projeções para o futuro. Para muitos, escolher não é uma opção, pois a vida conduz-se sobre as necessidades do agora, e as horizontalidades antes consideradas passam a estreitar-se sobre poucos caminhos, “realistas” e menos “ilusórios”.

Eu vejo muitos alunos desfocados e sem perspectiva alguma, tipo não ver nada que futuramente possa melhorar pra eles, tipo eles tão lá na sala eles só vão, só vem pra escola porque eles querem terminar ensino médio por que é obrigatório, entre aspas, pra poder ingressar no mercado de trabalho, eu vejo muito disso em muitos alunos daqui da escola, você consegue enxergar que ele é uma pessoa, que pode até ser uma pessoa que tem potencial, que tem uma perspectiva grande, mas só que ela não se permite buscar, ir além, de querer mais, fica só no seu mundinho. (Daniel, estudante do ensino médio)

Com isso refletimos sobre o comprometimento da esperança na vida de muitos adolescentes em decorrência das consequências – físicas e emocionais – devastadoras da pandemia e do processo de desigualdade socioeconômica que intensificaram a sua educação. Como descrito na fala de Daniel, a escola hoje é, em alguns casos, composta por jovens cujo as suas potencialidades foram esquecidas e adormeceram no seguimento da doença da Covid-19. Com isso alguns estudantes se debruçam na comodidade do estudo apenas para a entrada no mundo do trabalho, sem a consideração de exploração das possibilidades de futuro.

Perdemos nosso potencial, perdemos muito tempo, perdemos muitas oportunidades pra aprender, experiências, perdemos muitas coisas e eu tiro pra mim que se a gente tivesse oportunidade de refazer o ensino médio da maneira como a gente quer, da maneira como a gente gostaria de ter feito, com certeza estaria bem mais fácil pra nós hoje, tanto pra pensar como a gente pode ter nosso futuro de maneira mais garantida, a gente teria um pouquinho mais de tempo, teria mais chances, teria mais oportunidade de estudar, mais tempo ainda para poder se achar e isso foi meio que tirado da gente. A gente perdeu isso e infelizmente não vai dar pra voltar atrás e pra correr atrás disso vai demorar um pouco, talvez alguns nem consiga. (Marcos, estudante do ensino médio).

Entre narrativas e lamentos, vemos a drástica consequência emocional-educacional que o período de pandemia causou em alguns jovens. Ao refletir sobre o depoimento de Marcos nos deparamos com a injustiça vivenciada por tantos sujeitos que gostariam de voltar no tempo para transformar a realidade que experimentam hoje em suas vidas e restaurar um cenário repleto de infortúnios, de perdas de tempo, de oportunidades, experiências e aprendizados, correr atrás de tudo e de tanto pode custar um tempo que já não os é mais dado, talvez pelo período que passou e a vida futura que se aproxima celeremente, todavia, ainda persistem conduzindo-se em direção a um futuro não esquecido.

Com relação a isto, quando discorremos os sonhos juvenis ou projeções e perspectivas de futuro muitas vezes nos deparamos com interrogações internas (enfrentadas pelos jovens) sobre os percursos a serem seguidos e quais meios os levam a concretização de seus desejos, há para além, a existência de bloqueios frente aos desafios e as desigualdades sociais que suprimem as suas vidas, podendo os levar a desistências de propósitos e viver a vida sem rumo, como ilustrado no documentário Nunca me sonharam (2017), “a partir do momento que o sonho foi tirado de mim, eu desisti dele também” este fragmento, retirado da narrativa de um dos interlocutores do documentário nos permite perceber a interferência que as experiências sociais, por vezes externas ao sujeito contribuem no resultado de suas decisões, de certo modo, ocorrem alguns encurtamentos de sonhos junto a incertezas de escolhas nos mais diversos campos da vida, há um medo de correr riscos.

Há, entretanto, aqueles sujeitos que não precisam saltar por tantos obstáculos e diante das facilidades, mas também dos desafios da vida juvenil nesse período de Covid-19, persistem e não se rendem ao abandono de suas perspectivas de futuro e das nuances de seus sonhos. “Uma pessoa que não tem expectativa, não tem nenhum tipo de ambição, nenhum tipo de desejo, não é uma pessoa que cresce, é uma pessoa que é acostumada aquilo que vai, que vai ser dado a ela, mesmo se for algo ruim ela vai ter que ficar com aquilo, suportar.” (Marcos, estudante do ensino médio) a colocação de Marcos nos provoca a visualizar que embora muitas vezes cansados, mas também enérgicos e com anseios por mudanças e

melhorias estes jovens estudantes seguem seus caminhos buscando traçar suas trajetórias para obterem alguma espécie de sucesso, seja na construção de uma base familiar, um emprego estável ou uma vida acadêmica de prestígio, novamente, como colocado no documentário Nunca me sonharam (2017) nos encontramos diante de juventudes que buscam, pois almejam um poder de transformação de suas vidas e do mundo ao seu redor. Baseando-se nos escritos de Alves (2017), acontece por muitos jovens a realização de um “projeto” para o futuro, que podem ser transitórios ou processos permanentes, validando as suas existências enquanto jovens capacitados de construir seus próprios itinerários, permitidos além de tudo, mudarem de projetos, quando necessário. Acrescenta-se que:

Os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos distintos e até mesmo contraditórios, sendo sua pertinência e relevância definidos contextualmente. Tomando-se projetos juvenis, tal constatação pode acontecer de forma mais dramática na medida em que os projetos individuais podem envolver uma ruptura de valores apreendidos por meio de referentes de socialização como a família. (VELHO, 1994, apud. ALVES, 2017, p.88).

Desse modo, apesar do comprometimento que a pandemia da Covid-19 teve na vida destes jovens estudantes da escola pública, essa delicada situação não condicionou seus futuros. É permitido afirmar que seus anseios e perspectivas de uma vida que se estenda ao presente, principalmente no que diz respeito ao período após a conclusão do ensino médio, por mais que afetados pelas consequências da pandemia não cessaram e suas projeções continuam firmes.

É difícil falar sobre perspectiva porque a gente quer pensar muito, quer pensar bem alto, eu gosto de pensar em mim como alguém que vai dar um bom exemplo e que vá poder ajudar as pessoas com isso, eu quero poder passar no concurso técnico, conseguir me formar, aí começar a trabalhar, começar a fazer umas coisas pra mim. (Marcos, estudante do ensino médio).

Permitir-se sonhar é abrir margem para caminhos de possibilidades junto a chama que torna emocionante a chegada a um objetivo, não se pretende romantizar o sofrimento e a condição de se manter firme a qualquer custo sob todos os desafios de uma vida contingente, mas a posição de perseverança junto a busca por uma reestruturação em suas vidas é significativo para estes jovens interlocutores. Assim, como colocado na fala de Marcos, o anseio para a concretização dos planos futuros ainda existe no imaginário juvenil destes sujeitos, pensar em alguém capaz de ajudar as pessoas é pensar em si enquanto um agente transformador, na medida em que utiliza de seus conhecimentos não apenas para transformar a sua realidade, mas sim voltados a partilha e mudança na vida de tantos outros em sociedade.

Como pontua Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021) a condução de vida jovial, no que diz respeito aos anseios e projetos de futuro de uma vida adulta, é

influenciada pela prática de incentivo, por meio de vias públicas e socioeducativas, que possibilitem o desejo em obter algo. Na estrutura social, essa mediação deveria ocorrer através de políticas públicas e sociais geradoras de caminhos aos quais os jovens pudessem trilhar suas vidas.

Eu tenho um plano bem definido, eu creio que nesse período que eu passei eu tenho definido muitos planos, pretendo me formar, pretendo trabalhar na minha área de formação que a gestão de pessoas, e eu estou constituindo mas pretendo firmar minha família, ter minha própria casa pra ficar com a minha esposa. (William, estudante do ensino médio).

No caso de William, vemos as projeções não apenas voltadas a formação escolar e ao mundo do trabalho, mas também na construção afetiva e pessoal de sua vida sustentada pelo desejo de formar uma família, questão abordada por Pais (2016) quando destaca que entre muitos jovens há ainda a presença nas suas perspectivas de futuro o desejo da constituição de uma família como uma das formas (não exclusiva) de validação que marca a entrada para o mundo adulto. Tal pretensão também se assemelha a de Geovana. “Eu quero fazer faculdade, se não der certo eu vou lá trabalhar, pra não ficar em casa parada, quero ter minha casa, quero ter minha moto, porque eu gosto muito de motos e eu quero me casar também.” (Geovana, estudante do ensino médio).

A razão da estruturação e construção familiar, para além das questões gerais e por vezes (in)comum da juventude, retrata questões pessoais de um passado delicado vivido pelo sujeito e na vontade de poder vivenciar e proporcionar a outros o que não teve em sua vida, como aborda o jovem entrevistado Daniel.

Eu pretendo entrar numa faculdade esse ano ou no próximo, conseguir arrumar um emprego e meio que essas coisas se combinarem, faculdade e emprego pra poder dar certinho, quero sair da casa da minha mãe, quero ter a minha liberdade, eu quero mais pensar além, ir além do que eu pensava que eu ia, eu 34 quero ir além de tudo, quero me formar, quero ter essas paradas, pra que no futuro eu seja uma pessoa bem, que eu posso dar aos meus filhos, que provavelmente eu queira ter filhos, é, o que eu não tive na infância, que é meio que um pai, essas paradas e eu espero que não tenha pandemia. (Daniel, estudante do ensino médio).

O interlocutor expressa em sua fala, além do objetivo acadêmico de conseguir cursar uma faculdade e profissional, o desejo em poder atuar na figura de um pai, suprimindo talvez o que lhe tenha faltado na infância, funcionando como uma forma de expectativa pessoal e emocional. Há também a vontade de conquistar a casa própria, para sair da casa de sua mãe e conseguir, como ele mesmo coloca, a sua liberdade, junto a esperança de não enfrentar futuramente outra situação de pandemia. Há ainda sonhos acompanhados de realizações que se fundiram no processo vivido até aqui por estes jovens. Veremos que a concretização de

alguns de seus objetivos não anula a possibilidade de permitir-se a desejar novamente, como no caso de Dalva:

As minhas metas eu sempre coloquei no caderno e a minha casa era a última, como eu consegui, ela e o mercadinho, quero fazer uma faculdade de farmácia que eu me identifiquei muito, aí tirar minha carteira e viajar pelo mundo como meu pai que era caminhoneiro ou então ser caminhoneira também. (Dalva, estudante do ensino médio).

A fala ilustra que embora tenha conseguido um de seus objetivos de futuro, a jovem segue trilhando no caminho dos sonhos em busca de concretizações, agora com sua casa própria conquistada, objetivo esse almejado por grande parte dos jovens, Dalva segue em busca de sua formação acadêmica no curso de Farmácia junto ao sonho de viajar pelo mundo, em parte, inspirada em seu pai que foi caminhoneiro, nos permitindo refletir que a capacidade de sonhar – e executar tais planos – podem nos acompanhar durante todo o processo de vida. Quando um desejo se cumpre, outro nasce, não como se houvesse um vazio a ser preenchido em um ciclo inacabado, mas como um mecanismo de reascender a chama da vida através de um propósito.

O que é interessante evidenciar além do mais, é que as idealizações e perspectivas de futuro movem o presente, falar de futuro significa também pensar no lugar que os jovens ocupam e se encontram no agora, e na importância das suas construções no espaço vigente, refletir sobre isto, como colocado por Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021) auxilia para partirmos em busca da desmistificação da juventude apenas como uma fase de transição, que marca apenas isso, um ritual de passagem de uma fase a outra, devemos então considerar todo o processo a que se dão tais vivências juvenis neste espaço de tempo entre a fase da criança e a vida adulta. Assim nos deparamos com uma diversidade de perspectivas e possibilidades acesas no imaginário juvenil de tantos sujeitos, em especial aos jovens interlocutores da escola José Tristão Filho, indo desde o desejo em poder ajudar as pessoas, cursar uma faculdade de farmácia e conseguir um emprego, até a busca de construir uma família e de poder exercer o papel de um pai, os sonhos são diversos e por vezes infinitos, eles se assemelham ao tempo em que se diferem em alguns pontos entre si. Portanto é indispensável legitimar as experiências de vida adquiridas pelos jovens e validar a suas existências enquanto sujeitos sociais contribuintes para a nossa sociedade e ainda reconhecer as suas potencialidades e especificidades, onde cada sujeito vive e aprende valores diferentes conforme suas condições sociais, culturais, econômicas, do contexto e realidades a que estão inseridos. É necessário reconhecer que partem de locais diversos e traçarão trajetórias distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso pretendeu refletir, a partir da interlocução entre as experiências juvenis de estudantes interioranos da escola pública de ensino médio José Tristão Filho, em Guaiúba- CE, sobre o processo de pandemia da Covid-19 e como a condição de isolamento social afetou suas vidas pessoais e estudantis, principalmente no que diz respeito ao aspecto educacional. Assim, partiu-se do ensejo de analisar e articular sobre os impactos que inquietou a juventude e a condicionou a um modelo de vida socioeducativo limitado, sobretudo na sua formação e socialização, viabilizadas pelo espaço físico da escola, mas sem ignorar as experiências de fora deste espaço, visualizando a dimensão da situação que ainda ocorre em suas realidades. A contribuição dessa pesquisa ocorreu para a reflexão sobre a seriedade dos processos juvenis, de sujeitos inseridos em diferentes contextos sociais e realidades desiguais/iguais, e ainda a fim de possibilitar o pensamento em relação ao papel da educação brasileira nas redes públicas.

É conveniente ainda apontar sobre o que é necessário para o futuro desenvolvimento desta pesquisa. É pertinente trabalhar de maneira mais complexa a questão emocional dos jovens, mostrando as outras faces, não necessariamente negativas, da pandemia em suas vidas. Houve nesse processo, aprendizados e mudanças significativas em suas trajetórias, assim trazer essa perspectiva possivelmente demarcará mais a fundo suas visões sobre o que se pôde ter tirado proveito desse período.

Perfizemos uma trajetória que nos permite pensar a respeito dos futuros desafios que virão no âmbito educativo. Entendemos ainda que as situações enfrentadas até aqui nos possibilitarão lidar futuramente com obstáculos semelhantes, tendo servido isso, de certo modo, como um preparo para responder aos comandos desconcordantes do processo educativo juvenil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Alda de Souza. **Juventudes e ensino médio: transições, trajetórias e projetos de futuro.** / Maria Alda de Souza. - Curitiba- Brasil: CRV, 2017.

CORTI, Ana Paula. **Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício.** In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.309 – 332.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br/> .

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **A Educação e a COVID-19.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Pesquisar Jovens: caminhos e desafios metodológicos.** 1ª Edição. Lisboa – Portugal. ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. **Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais.** Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 9, Nº 1, p. 202 - 231, JAN/MAR 2019.

NUNCA me sonharam. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Estela Renner, Marcos Nistie Luana Lobo. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2017.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro.** 4ª edição. Edições Machado. 2016.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude — alguns contributos.** Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165. 1990.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** – 2. ed. – Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil: Universidade Feevale, 2013.

SILVA, Maria das Graças Pereira; DOS SANTOS, Evelyn Monique; DINIZ, Cláudia Lustosa Campos; BATISTA, Geandro Richard da Silva Gomes. **Juventudes e educação: O uso das tecnologias como ferramenta de aprendizagem em tempos de pandemia da covid-19.** Cadernos do Aplicação <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao> Publicação Ahead of Print ISSN 2595-4377 (online) Porto Alegre | jan-jun. 2021 | v.34 | n.1.

